

Informações

novembro/89

PROGNÓSTICO AGRÍCOLA 1989/90

Café, Cana-de-açúcar, Banana, Laranja,
Pecuária de Leite, Pecuária de Corte,
Suinocultura, Avicultura



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento
Coordenadoria Sócio-Econômica
Instituto de Economia Agrícola

Informações econômicas



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento
Coordenadoria Sócio-Econômica

Instituto de Economia Agrícola

ISSN 0100-4409

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - FINANCIAMENTO DA AGRICULTURA	11
3 - MERCADO DE INSUMOS E MÁQUINAS	16
4 - ANÁLISE DE PRODUTOS	26
Café	26
Cana-de-açúcar	36
Fruticultura	48
Banana	48
Laranja	55
Pecuária de Leite	64
Pecuária de Corte	72
Suinocultura	79
Avicultura	84

EDITORIAL

O comportamento de preços médios de produtos alimentícios no mercado varejista da cidade de São Paulo, em novembro, apresenta como novidade o fato de que o índice do IEA, que mede o custo da alimentação no domicílio, ultrapassou o Índice de Preços ao Consumidor (IPC). Assim, enquanto a família média paulistana gastou 52% com alimentação este mês, o IPC registrou alta de 41,42%, ou seja, 26% a mais.

À primeira vista, isto pode ser sintoma de que a alimentação, que vinha ajudando a conter o ímpeto inflacionário, tende agora a entrar no rol daqueles itens que puxam o custo de vida para cima. De outro ângulo, é possível que o setor agrícola possa estar começando a transpor uma das barreiras mais críticas no que se refere à relação de trocas. No período de outubro de 1988 a outubro de 1989, o índice geral de preços pagos pelos agricultores (IPP) cresceu 1.418,3%, enquanto o índice de preços recebidos (IPR) evoluiu de apenas 878,4% no mesmo período. Ou seja, o setor agrícola passa por um dos mais graves processos de descapitalização e de elevação dos custos de produção, exatamente no momento em que está terminado o plantio da safra 1989/90.

Contudo, isto não deverá servir de alento no que se refere às previsões para o próximo ano, quando então o novo Presidente assumirá o cargo com perspectivas de enfrentar uma oferta apertada de produtos agrícolas e a escassez de recursos para a comercialização da safra. No tocante às culturas perenes e pecuária, tema do Prognóstico Agrícola que circula nesta edição, 1990 também não promete muito.

No caso do café, estima-se que o revés nos preços sofrido pelo produto no mercado internacional deverá ser um dos responsáveis pela redução de até 50% no potencial produtivo nacional, com reflexos na disponibilidade para o consumo interno e exportações. Para a laranja, a expectativa é de colheita ao redor de 260 milhões de caixas, inferior à atual, o que pode ajudar na recuperação das cotações do suco no mercado internacional. Quanto à cana-de-açúcar, a produção deverá repetir a de 1989, o que reforça a previsão de crise no abastecimento de álcool e açúcar.

Em relação à pecuária, o próximo Governo tem espaço para atuar em setores de resposta rápida, como são os casos da avicultura, suinocultura e pecuária de leite, não só através de estímulos específicos mas sobretudo de uma política de rendas, que implique em melhorar o poder aquisitivo da população.



artigo especial

PROGNÓSTICO AGRÍCOLA 1989/90:
café, cana-de-açúcar, banana, laranja, pecuária de leite, pecuária de corte, suinocultura, avicultura

Alberto Veiga, Alfredo de Almeida Bessa Junior, Antonio Ambrósio Amaro, Claus Floriano Trench de Freitas, Célia Regina R.P. Tavares Ferreira, Cesar Roberto Leite da Silva, Elcio Umberto Gatti, Eloisa Elena Bortoleto, Francisco Antonio Assef Salit, Geni Satiko Sato, Hiroshige Okawa, José Luiz Teixeira Marques Vieira, Luiz Henrique Perez, Malimíria Norico Otani, Maria Lúcia Maia, Mario Antonio Margarido, Marli Dias Mascarenhas, Nelson Giulietti, Regina Junko Yoshii, Silvia Toledo Arruda, Valéria da Silva Peetz Wedekin⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

O Brasil deverá entrar na década de 90 com o volume de produção agrícola comprometido, pois as estimativas indicam uma redução na área de plantio das culturas anuais (de verão) que varia de 1% a 5% no agregado do País dependendo da fonte, com redução de até 12% na área de arroz. Para o Estado de São Paulo, em geral, a tendência para as várias culturas é semelhante à do País, com magnitudes diferentes: -1,2% para a área total e -6% para o milho.

De outra parte existem expectativas de expansão de área para o feijão das águas (20% no Brasil e 50% em São Paulo), para o algodão e amendoim e de redução da área plantada com batata e soja.

Para as culturas perenes, 1990 também se mostra nada promissor, uma vez que se admite redução de produtividade em função da menor utilização de insumos agrícolas. Assim, mesmo no caso da cana, espera-se no máximo uma produção idêntica à de 1989, antevendo-se uma crise na oferta de álcool e de açúcar. Na pecuária, existe uma situação com possibilidade de expansão, cuja intensidade estará dependendo de políticas governamentais de intervenção no mercado. Contudo, dada a existência de estoques de arroz, milho e soja acumulados de safras anteriores, não se prevê que venha a haver uma escassez generalizada de alimentos.

Este cenário, que se manifestará em 1990, é fruto da situação vivida pela agricultura brasileira no segundo semestre de 1989, que en-

frentou taxas elevadas de juros, preços internacionais declinantes, perda de poder de troca em torno de 30%, indefinição da política governamental para o setor e instabilidade da política econômica.

Dessa forma, dependendo da política de estabilização e de distribuição de renda a ser adotada pelo novo Governo no início de 1990, o nível do choque de preços agrícolas poderá ser atenuado ou agravado, fruto da menor oferta agrícola e dificuldades em agilizar importações no curto prazo. Tal situação já foi desenhada pelo atual Governo, a partir de setembro último, em função das dificuldades de conduzir uma política econômica que evitasse uma hiperinflação ainda em 1989.

Além disso, é importante ressaltar que os níveis de preços recebidos pelos produtores na próxima safra irão depender da agilidade que o próximo Governo terá para viabilizar recursos para sua comercialização, uma vez que até o presente momento nada foi definido.

Talvez nunca no passado recente, a agricultura tenha se defrontado com tal grau de incerteza: sucateamento da política agrícola em vigor, falta de novas formulações, instabilidade econômica e elevada taxa de juros reais que desestimulam os produtores e os agentes de comercialização a carregarem estoques para produtos tão sazonais como são os produtos agrícolas.

Por outro lado, no limiar de uma nova dé-

⁽¹⁾ Técnicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

cada, o Brasil vive a expectativa da reorientação política e econômica, em que se destaca a necessidade de uma recuperação na agricultura de um País com 142 milhões de habitantes, enorme área para cultivar e uma sólida tradição agrária, mas que, paradoxalmente, tornou-se, em alguns momentos, importador de alimentos. Sem impactos e com humildade, parece que se deverá restabelecer o vigor na produção agrícola, um setor capaz de dar rápidas respostas, de modo que nos próximos anos se possa ter safras abundantes, suprimindo as necessidades internas e gerando produção para um mercado internacional, que se afigura crescente e com perspectivas de maior liberação do comércio pela gradativa eliminação de barreiras alfandegárias e abertura de novos mercados.

Na área da agricultura e pecuária, com a necessidade de se produzir em larga escala para um mercado ávido por alimentos de boa qualidade, os setores comercial e agroindustrial terão amplas oportunidades para crescer.

Nesse mesmo cenário, o agricultor, a despeito de sua recente descapitalização, deverá ser reconhecido como empresário que investe e corre riscos em busca de lucros legítimos, enquanto os consumidores deverão ser atendidos com seus direitos de cidadania plenamente protegidos.

Assim, com o intuito de analisar e procurar fornecer elementos para tomadas de decisões, é que o Instituto de Economia Agrícola desenvolveu este trabalho que procura traçar com mais detalhes o panorama descrito.